

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FAGED
CURSO DE PEDAGOGIA

QUEREN MAIA VIANA

O PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM ESCRITA EM CRIANÇAS DO 1º
ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL: UM ESTUDO DE CASO

FORTALEZA-CE

2010

QUEREN MAIA VIANA

O PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM ESCRITA EM CRIANÇAS DO 1º
ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL: UM ESTUDO DE CASO

Trabalho submetido à Coordenação do Curso de Graduação em Pedagogia, da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do grau de graduado em Pedagogia.

Orientador (a): Prof. Dra. Adriana Leite Limaverde Gomes

FORTALEZA-CE

2010

QUEREN MAIA VIANA

O PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM ESCRITA EM CRIANÇAS DO 1º
ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL: UM ESTUDO DE CASO

Trabalho submetido à Coordenação do Curso de Graduação em Pedagogia, da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do grau de graduado em Pedagogia.

Aprovado em ___/___/___.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Adriana Leite Limaverde Gomes (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará – UFC

Prof. Dra. Ana Maria Lório Dias
Universidade Federal do Ceará - UFC

Prof. MS. Cristina Façanha Soares
Faculdade Sete de Setembro - FA7

Dedico esta monografia, a Deus, e à minha
família.

AGRADECIMENTOS

À Deus, o Dono da minha vida! Tudo que tenho, tudo que sou e o que vier a ser vem dEle. E agradeço todos os dias por ter me mantido firme e forte nessa fase da minha vida. Obrigada Senhor!

À minha mãe Celeste, meu alicerce, que sempre se preocupou com meu bem-estar e esteve sempre ao meu lado, me confortando, me amando, me direcionando para o melhor caminho, e me ensinando com muita paciência e carinho o melhor da vida. Muito obrigada minha mãe! Tenho muito orgulho da senhora! Te amo muito!

À minha irmã Quezia, companheira e amiga. Sei que posso contar com você. Também não sei o que seria da minha vida sem você Quinha! Te amo muito! Muito obrigada por existir, e saiba que tenho orgulho de tê-la como irmã!

À minha tia Teté e tia Ana, que sempre ajudam a mim, minha mãe e irmã, de uma maneira tão admirável, e espero um dia poder retribuir tudo o que vocês tem feito por nós. Eu creio que o Senhor sempre zela por nós, e vocês são usadas por Ele para sempre estarem do nosso lado nos ajudando com o que podem. Tenham certeza que eu não teria conseguido boa parte dessa caminhada sem o incentivo e a comodidade que vocês me proporcionaram. Quero agradecer novamente a tia Teté por ter me auxiliado também na correção ortográfica desse TCC. MUITÍSSIMO obrigada tias por tudo! Amo muito vocês!

À Universidade Federal do Ceará (UFC) e ao Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação (FACED), por terem me recebido tão bem, e fazerem parte da minha vida acadêmica. Obrigada!

À professora Adriana Limaverde, pela paciência e dedicação na orientação do TCC. Tenho orgulho de dizer que você foi minha orientadora, e aprendi a lhe respeitar e admirar como pessoa e seu trabalho como educadora. MUITÍSSIMO obrigada!

Aos(Às) meus(minhas) professores(as) que me acompanharam e me ensinaram no decorrer da minha caminhada, tanto na escola, como na faculdade, contribuindo para o meu crescimento pessoal e profissional. Nunca vou esquecê-los. Obrigada!

À banca examinadora: À professora Cristina Façanha que foi minha professora na FA7, por fazer parte da minha vida acadêmica contribuindo na realização desse meu sonho. E à professora Ana Lório que, sem dúvidas, contribuiu nesse TCC como referência, e saiba que admiro mais ainda seu trabalho. É uma honra tê-las em minha banca examinadora. Muito obrigada!

“...Até aqui nos ajudou o Senhor ”.

(I Samuel 7:12)

RESUMO

Este trabalho investigou o processo de aquisição da linguagem escrita de cinco alunos de uma Escola da Rede Pública Municipal de Ensino, verificando particularmente como se dar esse processo de aprendizagem. Para a fundamentação teórica foram essenciais os estudos feitos por Emília Ferreiro, que investigou sobre a aquisição da escrita, Vygotsky, entre outros que estudam e investigam sobre a linguagem escrita. O trabalho foi realizado através da metodologia de estudo de caso. Participaram deste estudo cinco crianças que se encontravam no processo de aprendizagem da leitura e da escrita e a professora desses alunos. Para a coleta de dados, foram aplicadas três atividades avaliativas da leitura e da escrita, nas quais foram analisados os níveis psicogenéticos da língua escrita de cada criança. Foram realizadas entrevistas com a professora e os cinco alunos participantes da investigação. Os dados revelaram os níveis psicogenéticos dos cinco alunos que participaram das atividades avaliativas da leitura e da escrita, a importância do trabalho realizado pela professora da turma nas atividades cotidianas dos alunos, e como estes cinco alunos percebem essa importância. As entrevistas revelaram a importância da formação continuada para a prática da professora e ainda que sua dedicação aos estudos de seus alunos é essencial para que o aprendizado aconteça e se desenvolva. Em relação às entrevistas com os alunos, os dados revelaram o interesse e a reflexão quanto à importância da contação de histórias na escola para a exposição das idéias dos alunos sobre o conteúdo lido. Concluiu-se que os alunos se encontravam em processo de desenvolvimento da escrita e da leitura, dentre os cinco alunos, dois encontravam-se no nível pré-silábico, outros dois no nível silábico e um encontrava-se no nível alfabético, e realizaram as atividades avaliativas de leitura e da escrita apresentando dificuldades em relação à identificação de palavras, além da leitura e da escrita das palavras propostas.

PALAVRAS-CHAVE: Língua Escrita; Desenvolvimento; Aprendizagem.

RESUMEN

Este estudio investigó el proceso de adquisición del lenguaje escrito de cinco estudiantes en una escuela de la Red de Educación Pública Municipal, comprobando en particular en lo que toman este proceso de aprendizaje. Para los estudios teóricos se han hecho esenciales por Emilia Ferreiro, quien investigó sobre la adquisición de la escritura, Vygotsky, y otros que estudian y la investigación sobre la lengua escrita. El estudio se realizó utilizando la metodología de estudio de caso. El estudio incluyó a cinco niños que estaban en el proceso de aprendizaje de la lectura y la escritura y el profesor de estos alumnos. Para la recolección de datos, actividades de evaluación se han aplicado a la lectura y la escritura, en los que se analizaron los niveles de lenguaje psicogenético por escrito de cada niño. Se realizaron entrevistas con el profesor y cinco estudiantes que participan en la investigación. Los datos revelaron niveles psicogenético de los cinco estudiantes que participaron en las actividades de evaluación de la lectura y la escritura, la importancia de la labor realizada por el maestro en las actividades diarias de los estudiantes, y cómo estos cinco estudiantes a comprender su importancia. Las entrevistas revelaron la importancia de la educación permanente para la práctica del profesor y que su dedicación a la educación de sus estudiantes es esencial para aprender a pasar y se desarrollan. En relación a las entrevistas con los estudiantes, los datos mostraron el interés y la reflexión sobre la importancia de contar cuentos en la escuela para la exposición de ideas de los alumnos sobre el contenido de leer. Se concluyó que los estudiantes estaban en el proceso de desarrollo de la lectura y la escritura, entre los cinco estudiantes, dos estaban en la pre-silábica otros dos de nivel silábico y uno en el nivel alfabético, e hizo que el actividades de evaluación de la lectura y la escritura que presentan dificultades para la identificación de las palabras, además de la lectura y la escritura de palabras propuestas.

PALABRAS CLAVE: Desarrollo del lenguaje escrito, el aprendizaje.

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 - Taxa de Alfabetização (%) no Brasil. FONTE: [CIA World Factbook](#)
(2008)..... pág. 19

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- ILUSTRAÇÃO 1** – Capa da Cartilha Caminho Suave..... .pág. 21
- ILUSTRAÇÃO 2** – Atividade Avaliativa: Nome Próprio..... .pág. 36
- ILUSTRAÇÃO 3** – Atividade Avaliativa: Permanência na Escrita..... .pág. 37
- ILUSTRAÇÃO 4** – Atividade Avaliativa: Ditado de Palavras Formadas por Sílabas Canônicas e Não-Canônicas..... .pág. 38
- ILUSTRAÇÃO 5** - Ditado realizado pela aluna Raquel..... .pág. 43
- ILUSTRAÇÃO 6** - Ditado realizado pelo aluno João..... .pág. 44
- ILUSTRAÇÃO 7** - Ditado realizado pela aluna Yasmin..... .pág. 45
- ILUSTRAÇÃO 8** - Ditado realizado pelo aluno Matias..... .pág. 46
- ILUSTRAÇÃO 9** - Ditado realizado pelo aluno Mateus..... .pág. 47

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
CAPÍTULO 1 - BREVE HISTÓRICO DAS METODOLOGIAS DE ALFABETIZAÇÃO.....	18
1.1. – Os Métodos de Alfabetização: Sintético e Analítico.....	20
1.2. – A Alfabetização na Perspectiva Construtivista.....	25
CAPÍTULO 2 - LINGUAGEM ESCRITA.....	29
CAPÍTULO 3 - METODOLOGIA.....	33
3.1. – O Campo da Pesquisa.....	33
3.2. – Sujeitos da Pesquisa.....	34
3.3. – Procedimentos de Coleta de Dados.....	35
3.3.1.- As atividades avaliativas da leitura e da escrita.....	35
3.3.2.- As entrevistas.....	39
3.4. – Análise dos Dados.....	39
3.4.1. - As atividades avaliativas de leitura e de escrita: o desempenho dos alunos.....	39
3.4.2. – Entrevista com a professora.....	49

3.4.3. – Entrevistas com os alunos.....	53
CONCLUSÃO.....	56
BIBLIOGRAFIA	58

INTRODUÇÃO

"... A minha contribuição foi encontrar uma explicação segundo a qual, por trás da mão que pega o lápis, dos olhos que olham, dos ouvidos que escutam, há uma criança que pensa". (Emília Ferreiro)

Ao ingressar no meio acadêmico tive oportunidade de deparar-me com o estudo de diversos teóricos da educação. Entre eles está Emília Ferreiro (1993) que se propôs investigar como se realizava a aquisição da escrita das crianças, a partir dos pressupostos construtivistas/interacionistas de Vigotsky (1998) e Piaget (1993). Confirmando as idéias e descobertas de Piaget, Emília Ferreiro concluiu que as crianças têm um papel ativo no aprendizado, construindo o próprio conhecimento.

Sempre tive curiosidade acerca do processo de aquisição da escrita. Apaixonei-me pelo universo da escrita! E na Faculdade 7 de Setembro (FA7), na qual estudei por três anos antes de ingressar na Universidade Federal do Ceará (UFC), cursei disciplinas relacionadas ao processo de alfabetização, o que aflorou e despertou mais ainda o interesse por esse tema.

A partir de então me encantei e comecei a me dedicar mais ao estudo da alfabetização, como um elemento do processo de desenvolvimento da criança, bem como compreender sobre os níveis estruturais da linguagem escrita que podem explicar as diferenças individuais e os diferentes ritmos dos alunos.

O processo de alfabetização é encantador! Desde o primeiro contato com as letras, pude sentir a intimidade e um bom desenvolvimento no decorrer do meu processo de alfabetização. Sempre gostei da famosa caligrafia, e produzia além do que a professora solicitava. Tenho lembranças maravilhosas da minha alfabetização! Tive ótimas professoras, sempre pacientes e dedicadas aos alunos.

Isso me fez pensar em ser docente e aprender a ensinar às crianças que estão no processo de alfabetização. A alfabetização se destina não apenas para as

crianças, mas também para jovens e adultos que não se alfabetizaram. Embora o processo de aprendizado seja o mesmo, há diferenças entre eles em relação ao ritmo de desenvolvimento da língua escrita, se considerar a experiência de vida de cada um deles.

Uma criança em processo de alfabetização passa a conhecer o significado das letras no início de sua vida escolar, seja no infantil ou no 1º ano. Apesar do convívio social em um meio letrado, é na escola que ela terá oportunidade de viver esse processo através de um ensino deliberado. Enquanto um jovem ou adulto que inicia o processo de alfabetização nesse período de vida, por causa de sua experiência de letramento, já teve oportunidade de aprender e conviver com letras no seu cotidiano, mesmo tendo deixado de estudar. Esta convivência facilita para que o processo se conclua com mais rapidez. É compensador quando um ser humano aprende a leitura e a escrita, sendo ele criança, jovem ou adulto.

Desde o início dos meus estudos em Pedagogia, a alfabetização tem estado em meu cotidiano, seja nas disciplinas da faculdade, durante os estágios curriculares como também no exercício de atividades de monitorias. Essas experiências me ajudaram a colocar em prática o que aprendi. Nesse contexto, pude unir e concretizar nessa pesquisa o que aprendi no decorrer da minha vida acadêmica ao que antes apenas refletia sobre o processo de aquisição da escrita.

Outras experiências também foram significativas, como, por exemplo, a oportunidade de estagiar em escolas da Rede Pública de ensino por dois anos, em um projeto denominado Pró-Letramento¹. Nesse projeto, a professora se ausentava e então eu assumia a sala de aula, com alunos do 1º ano do Ensino Fundamental. No primeiro ano do estágio foi bem interessante, pelo fato de poder estar presente em cinco escolas, cada uma em um dia da semana, e nesses dois anos pude vivenciar

¹ O Pró-Letramento - Mobilização pela Qualidade da Educação - é um programa de formação continuada de professores das séries iniciais do ensino fundamental, para melhoria da qualidade de aprendizagem da leitura/escrita e matemática.

diferentes ambientes em seis escolas. Assim pude lidar com um universo de crianças com experiências diversas e analisar muitos casos de alunos em processo de desenvolvimento da escrita. No segundo ano de estágio, pude dar um suporte para as professoras, em uma sala de apoio, mais precisamente na sala de leitura, onde os alunos com mais dificuldades, independentemente da série, pudessem ter um momento de suporte ao aprendizado, e assim facilitar o entendimento no instante em que a professora estivesse trabalhando algum conteúdo. Essa colaboração era muito válida, pois, assim, o aluno tinha mais oportunidade de entrar em contato com a língua escrita e sempre eram valorizados seus conhecimentos prévios e os “novos” estimulados pelo professor. Foi uma experiência marcante, pois até então havia estado somente no ambiente escolar em alguns outros estágios supervisionados da Faculdade.

Nesse período de estágio pude me aproximar mais ainda desse tema, que até então ainda era recente no meu caminhar acadêmico e a experiência no projeto acima descrito foi fundamental para a escolha do meu objeto de estudo do Trabalho de Conclusão do Curso.

A experiência nos estágios aliada aos estudos nas disciplinas na faculdade, sempre me despertavam o desejo de compreender por que algumas crianças vivenciam a fase de alfabetização com certa facilidade, enquanto outras enfrentam dificuldades e até mesmo não conseguem aprender. A busca por essa compreensão me acompanhou durante todo o curso de Pedagogia. A respeito dessa compreensão destaco a contribuição de Dias (2001), que em relação ao desenvolvimento da escrita, afirma que:

“... um dos maiores problemas em relação à produção escrita de nossos alunos reside no fato de que, frequentemente, ignora-se a finalidade de escrever, visto que a noção de finalidade da fala já vem embutida na própria necessidade de comunicação e representação de mundo pela criança”. (pág. 53)

Assim a partir da aprendizagem da linguagem escrita, a criança passa a perceber que pode produzir, analisar, explorar e tirar suas próprias conclusões quanto

ao que está produzindo, tendo assim uma relação de troca e construção de conhecimentos.

Na literatura identificamos diversos estudos sobre desenvolvimento, aprendizagem e linguagem escrita, como as produções de Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1993) e de Vygotsky. Os estudos desses autores indicam a necessidade de se compreender como as crianças aprendem, nesse sentido é essencial se rever o ensino, priorizando o aluno como sujeito de sua aprendizagem. Os dados sobre fracasso escolar crescem de modo significativo entre os alunos da escola pública que cursam os primeiros anos do Ensino Fundamental, portanto compreender as diferentes dimensões que interferem na aprendizagem é urgente e necessário. No entanto, parece haver uma preocupação ainda recorrente em definir metodologias de alfabetização, em detrimento de se considerar o aluno enquanto ser pensante e produtor do conhecimento.

A partir dessas constatações, algumas questões me inquietam: Quais os níveis psicogenéticos da linguagem escrita dos alunos público alvo deste estudo? Como esses alunos estão vivenciando essa trajetória de aprendizagem? O que mais gostam de realizar quando estão na sala de aula e fora desse ambiente? Como é o trabalho da professora com esses alunos?

O estudo objetivou investigar e analisar o processo de alfabetização de cinco alunos em uma escola da Rede Pública Municipal de Ensino, verificando particularmente como se dar esse processo.

A pesquisa foi realizada através de um estudo de caso. Participaram deste estudo cinco crianças que estavam no processo de aprendizagem da leitura e da escrita. Para coleta de dados foram aplicadas três atividades avaliativas da leitura e da escrita, nas quais foram analisados os níveis psicogenéticos da língua escrita de cada criança, além de entrevistas com os alunos e sua professora.

Este trabalho foi organizado em três capítulos. No primeiro é apresentado um breve histórico do desenvolvimento da escrita, seguido de uma análise sobre o

surgimento das primeiras letras. Apresenta também os métodos do sistema da escrita, como são utilizados e como funcionam, e quais os objetivos de cada um dos métodos.

O segundo capítulo é destinado à reflexão quanto ao uso da linguagem escrita e sua relação com a oralidade, o desenho, e sua condição no meio escolar. Objetiva refletir sobre sua utilidade e vivência na escola.

O terceiro capítulo apresenta a pesquisa de campo realizada com alunos do 1º ano do ensino fundamental em uma escola municipal de Fortaleza, através da aplicação de atividades avaliativas da linguagem escrita. Foram realizadas também entrevistas com a professora da sala e os alunos sujeitos do estudo.

Na conclusão deste trabalho, verifiquei que no processo de aquisição da escrita é de fundamental importância a participação do professor, que deve contribuir no desenvolvimento da linguagem da criança e no aperfeiçoamento da oralidade, da leitura e da apropriação da escrita.

1. BREVE HISTÓRICO DAS METODOLOGIAS DE ALFABETIZAÇÃO

O presente capítulo objetiva apresentar um breve histórico do desenvolvimento do sistema da escrita, seguido de uma análise sobre o surgimento das primeiras letras. Apresenta também os métodos do sistema da escrita, como são utilizados e como funcionam, quais os objetivos, bem como alguns exemplos de cada método de alfabetização.

O Ensino Fundamental das primeiras letras surgiu em Roma antes do IV século A.C. Segundo Brandão (2007), entre o povo romano os primeiros educadores de pobres e nobres eram o pai e a mãe. Mesmo os mais ricos, senhores de escravos, não entregavam a um servo-pedagogo ou a uma governanta o cuidado dos filhos. Quando a criança completava os 7 anos de aprendizado cheio de afeição que recebia da mãe, ela passava para o pai, que não dividia sequer com o mestre-escola o direito de educá-lo, ou seja, de formar a sua consciência, segundo os preceitos das crenças e valores da classe e da sociedade. A tarefa de educar era uma iniciativa particular, assim deixada pelo Estado Romano, não sendo mais comunitária. Somente depois do Cristianismo, por volta do século IV D.C., é que surgiu a escola pública, mantida pelos municípios.

Brandão (2007) ressalta, ainda, que a estrutura de educação que herdamos e conservamos até os dias de hoje surgiu nos tempos do domínio de Augusto e Tibério, onde a criança, educada pelos pais, aprendia depois dos 7 anos as primeiras letras na escola, e aos 12 anos estava pronta para frequentar a escola dos *grammaticus* e, a partir dos 16, a do *lector*.

Mesmo após séculos, percebemos que a estrutura de educação citada no parágrafo anterior é semelhante a que vivemos nos dias atuais. Apesar da mudança de nomenclatura, o 1º ano, antiga alfabetização, é frequentado por crianças na faixa etária dos 6 anos de idade. Nessa fase a maioria delas inicia a alfabetização propriamente dita, e muitas vezes iniciam a escrita de palavras. Ao contrário da educação que o povo romano ensinava às suas crianças, porque nesse período elas

permaneciam em suas casas e eram ensinadas por seus pais até determinada idade para ingressar na escola.

Retomando a atualidade, o gráfico (Gráfico 1) mostra o desenvolvimento na taxa de alfabetização no Brasil entre os anos de 2000 e 2009, em relação ao desenvolvimento da leitura e da escrita em nosso país.

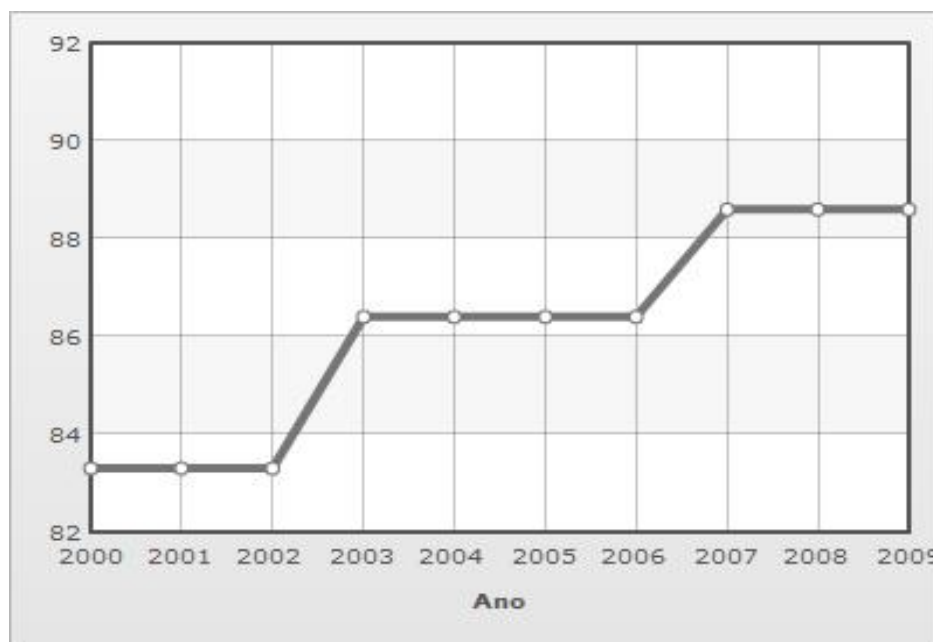


Gráfico1 - Taxa de Alfabetização (%) no Brasil. FONTE: [CIA World Factbook](#) (2008)

Percebe-se que, entre os anos de 2000 e 2009, ocorreu crescimento na taxa de alfabetização, onde desde 2007 manteve o desenvolvimento do aprendizado da leitura e escrita.

Assim, a educação vem evoluindo com a ajuda da tecnologia e os estudos realizados por pesquisadores dessa área.

Os métodos de alfabetização evidenciam as características do sistema alfabético, que possibilitam transformar os sinais gráficos em sinais sonoros. O método, em si, orienta as ações e traz implícito o objetivo que o professor pode atingir, onde cada indivíduo tem sua maneira de aprender e demonstrar o que foi entendido.

Assim, o professor transmite, com a orientação do método e o aluno reproduz baseado em um modelo prévio apresentado. Daí o alcance do objetivo do professor ser implícito, pois nem mesmo ele sabe o que pode vir de resultado.

As metodologias de alfabetização evoluíram no tempo de acordo com novas necessidades sociais e a exigência de um novo tipo de pessoa letrada. Assim, os métodos de alfabetização foram inovando, de acordo com a mudança na forma de pensar a educação. Nos tempos atuais há uma preocupação em compreender como o aluno aprende, e não como o professor ensina. (Visvanathan, 2008)

Existem muitas maneiras de alfabetizar e cada uma delas enfatiza uma determinada perspectiva da aprendizagem. A seguir, destacam-se os métodos de alfabetização: Sintético ou Analítico e Linguagem Total, bem como as orientações sugeridas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) e a proposta de alfabetizar na perspectiva Construtivista.

1.1. – Os Métodos de Alfabetização: Sintético e Analítico

O Método Sintético é uma correspondência do som e a grafia, através do aprendizado de letra por letra, sílaba por sílaba, ou palavra por palavra. O aluno conhece os sons representados pelas letras e combina esses sons para pronunciar palavras. Já no Analítico o estudo é iniciado do todo, como uma forma global, para que depois sejam estudadas as partes. O aluno aprende primeiro uma série de palavras e depois faz a associação entre o som e as partes das palavras.

O Método Sintético pode ser dividido ainda em três tipos: alfabético, fônico e silábico. O alfabético é aprendido primeiro às letras, em seguida a formação de sílabas e depois a formação das palavras que constroem o texto. O aluno aprende primeiro as letras, depois forma as sílabas simples, para depois formar as palavras. Um exemplo deste método é a tabela com as vogais + consoantes = sílabas, e assim as palavras são formadas.

O Método Alfabético, também conhecido como soletração, é um dos mais antigos sistemas de alfabetização. Nesse método, a leitura só é possível com a

memorização e decoração oral das letras do alfabeto. A criança soletra as sílabas até decodificar a palavra. Exemplo: c + a, ca, m + a, ma = cama. Os alunos primeiro identificam as letras pelos seus nomes, em seguida fazem a junção de consoantes e vogais, formando assim as sílabas, depois soletram as sílabas, e logo após formam palavras, antes de lerem sentenças curtas e, finalmente, as histórias. Quando os alunos encontram palavras desconhecidas, as soletram até decodificá-las, como foi citado no exemplo. A partir daí, as crianças vão desenvolvendo a leitura e passam a conhecer e ler histórias. O Método Alfabético utiliza as cartilhas.

Segundo Visvanathan (2008), o Método Alfabético é muito criticado por haver a repetição de exercícios, e não é citado pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's). No entanto, ainda é muito utilizado por professores leigos do Norte e Nordeste pela facilidade de aplicação, como a repetição através das Cartas de ABC, que eram mais utilizadas na educação doméstica. A seguir uma das primeiras capas da famosa cartilha Caminho Suave:

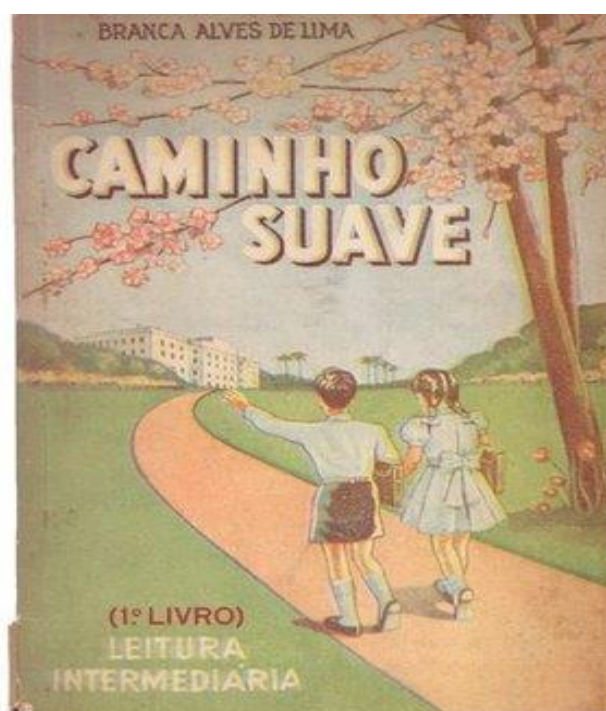


Ilustração 1: LIMA, Branca Alves. Caminho Suave intermediária. SP, Ed. Branca A. de Lima, 1962.

De acordo com a Wikipédia, a enciclopédia livre, a cartilha de alfabetização Caminho Suave é uma obra didática, desenvolvida por Branca Alves de Lima (1911-2001), uma educadora que se tornou um fenômeno editorial. Segundo o Centro de Referência em Educação Mário Covas, desde sua primeira edição, em 1948, até meados da década de 1990, foram vendidos 40 milhões de exemplares dessa cartilha. Em 1995, a cartilha Caminho Suave foi retirada do catálogo do Ministério da Educação, conseqüentemente não sendo mais avaliada, uma vez que havia uma orientação em favor da alfabetização baseada no contrutivismo. Apesar de não ser mais o método tradicional e "oficial" de alfabetização dos brasileiros, estipula-se que a cartilha de Branca Alves de Lima ainda venda cerca de 10 mil exemplares anualmente.

O Método Fônico foi criado como uma crítica ao método de soletração, ou seja, o Método Alfabético. Também conhecido como fonético, o aluno inicia com o som das letras unindo as consoantes e as vogais, pronunciando as sílabas formadas, enfatizando as relações símbolo-som. Enquanto o silábico, ou silabação, são aprendidas as sílabas para, em seguida, formar as palavras que constroem o texto.

O ensino baseado no Método Fônico é desenvolvido da seguinte maneira: o professor escreve uma letra no quadro e apresenta imagens de objetos que comecem com a letra exposta. Em seguida, escreve uma lista de palavras e pede para os alunos indicarem a letra que foi apresentada no início. Assim, partindo do conhecimento já adquirido pelo aluno, ele pode apresentar outras palavras com esta letra. E assim, sucessivamente, com as demais letras.

Segundo Visvanathan (2008), o Método Fônico é adotado na maioria dos países do mundo. Ele faz a associação entre letra e sons. Primeiro são ensinadas as formas e os sons das vogais. Depois são ensinadas as consoantes, sendo, aos poucos, estabelecidas relações mais complexas. Cada letra é aprendida como um fonema que, juntamente com outro, forma sílabas e palavras. São ensinadas primeiro as sílabas mais simples e depois as mais complexas. As atividades realizadas são lúdicas, as crianças fazem produções e assim dominam o conhecimento ortográfico próprio da sua língua. Com isso, textos são produzidos pelas próprias crianças. Os

especialistas dizem que este método alfabetiza crianças no período de quatro a seis meses e é o mais recomendado nas Diretrizes Curriculares dos países desenvolvidos que utilizam a linguagem alfabética

Percebe-se que o Método Sintético trabalha apenas a repetição e não estimula a criatividade nas crianças. Começa a ensinar por partes ou elementos das palavras, tais como letras, sons ou sílabas, para depois combiná-los em palavras. A ênfase é a correspondência som-símbolo. Inicia-se, principalmente, com as vogais, e pode utilizar cartilhas.

Já o Método Analítico, também conhecido como “método olhar-e-dizer”, compreende a leitura como sendo um ato global e audiovisual. A criança faz uma sondagem de um determinado texto e, dele, retira as palavras que mais lhe chamam a atenção. Em seguida, decompõe cada palavra, em sílabas, e assim a criança faz uma leitura do que foi realizado, ou seja, começa com unidades completas de linguagem e mais tarde as divide em partes, sendo as sentenças divididas em palavras e as palavras em sons. Visvanathan (2008) afirma que alguns criticam o Método Analítico, justificando que a criança não aprende a ler, e sim, a decorar letras, sílabas e palavras. Nesse método podem-se utilizar cartilhas.

O Método Analítico pode ser dividido em Palavração, Sentenciação ou Global. Na Palavração, inicia-se com a palavra, ou seja, ocorre um primeiro contato com os vocábulos englobando todos os sons da língua. Em seguida, a aquisição de um determinado número de palavras, iniciando assim a formação de frases. Na Sentenciação são estudadas inicialmente as frases, em seguida são divididas em palavras e em seguida são retiradas as sílabas de cada uma delas. Já no Global, também conhecido como história e conto, a leitura parte de textos, onde existe começo, meio e fim, formando frases que tenham um sentido e agucem o interesse da criança.

O Método Linguagem Total, também conhecido como “whole language”, não utiliza cartilhas e tem como idéia principal que se aprende lendo, ou seja, não é necessária a apresentação de imagens e sons. Assim, o professor utiliza textos com

os alunos, e os lê em voz alta, seguindo do acompanhamento do aluno. Com isso, a criança conhece a linguagem escrita, as letras, as palavras, as sílabas etc.

De acordo com Visvanathan (2008), este método foi bastante disseminado nos Estados Unidos e teve como principal crítica a falta de questões relacionadas à compreensão da natureza alfabética do sistema de escrita e à aprendizagem do valor sonoro do alfabeto.

O Método de Linguagem Total defende que os sistemas linguísticos estão interligados e que a segmentação em imagens ou sons deve ser evitada. Os estudantes são apresentados a textos inteiros, já que se acredita que "se aprende lendo". Em sala de aula, o professor lê textos para os alunos, que acompanham a leitura com o mesmo texto, assim se "familiarizando" com a linguagem escrita. A partir dessa familiarização, vão aprendendo palavras e, depois, as sílabas e as letras. Não utiliza cartilhas.

No Método de Linguagem Total, a leitura tem um valor muito importante, se percebe o conceito de leitura muito rico. E tem-se a leitura como testemunho oral da palavra escrita. Percebe-se que a escrita tem que fazer sentido para quem lê, ou seja, a escrita juntamente com a leitura é muito importante, pois proporciona ao indivíduo uma percepção de mundo totalizada.

Ao falar de leitura e escrita, não se pode deixar de lado esse processo tão fundamental, que é o processo de leitura, de se atribuir significado ao texto escrito. As etapas de oralidade, leitura e escrita são consideradas estágios superiores do desenvolvimento da linguagem.

Cada um dos Métodos de Alfabetização tem sua metodologia e ênfase em um determinado aspecto. Apesar das diferenças em relação ao processo de ensino, enquanto uns partem do particular, outros do geral, é consenso entre os especialistas afirmarem que todos eles propagam um ensino mecânico, que não possibilita a reflexão sobre a língua escrita de modo significativo.

1.2. – A alfabetização na Perspectiva Construtivista

A alfabetização baseada em uma perspectiva Construtivista é muito utilizada nas escolas atualmente, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), ela baseia-se nos diversos contextos de vida dos alunos. As ações são: informar, comunicar, argumentar, compreender e agir. Não seguem um material, como as cartilhas e rejeitam a prioridade do processo fônico. Nesse sentido as escolas devem utilizar textos que estejam próximos do universo dos alunos. Ajudando-os a construir o conteúdo que será dado pelo professor através de suas experiências.

Segundo Visvanathan (2008), os PCN's propõem um currículo baseado no domínio das competências básicas e que esteja de acordo com as diversas situações do cotidiano do aluno. Os PCN's foram estabelecidos a partir de uma série de encontros, realizados por especialistas e educadores de todo o país, de acordo com as diretrizes gerais estabelecidas pela Lei de Diretrizes e Bases. Segundo o MEC, estes documentos foram feitos para ajudar o professor na execução de seu trabalho, eles estimulam e apóiam à reflexão sobre a prática diária do professor, ao planejamento das aulas e, sobretudo, ao desenvolvimento do currículo da escola, formando jovens brasileiros para enfrentar a vida adulta com mais segurança.

Algumas orientações dos PCN's sugerem o diagnóstico prévio do aluno antes de optar por qualquer método. Algumas crianças entram na primeira série sabendo ler enquanto outras não. A alfabetização baseada no construtivismo sugere que o professor leia textos em voz alta e acompanhe a classe, tendo em mãos os mesmos textos. Os alunos são estimulados a escrever com base em uma situação social pré-existente. Por exemplo, eles ouvem poesias e compõem, por cópia ou colagem, seus cadernos de poemas favoritos. A leitura em voz alta por parte dos estudantes é substituída por encenações de situações que foram lidas, desenhos que ilustram os trechos lidos etc. As crianças podem escrever em letra de forma; a consciência fônica é uma consequência. Não utiliza cartilhas.

De acordo com Visvanathan (2008), os PCN's defendem a linha construtivista como proposta de alfabetização. A alfabetização construtivista surgiu na década de 1980, tendo como referência as pesquisas de Emília Ferreiro e Ana Teberosky. As autoras enfatizam a leitura e a escrita, defendendo que os

conhecimentos prévios da criança têm que ser valorizados pela escola. Os construtivistas utilizam textos reais que estejam próximos ao universo da criança.

Nessa nova visão de alfabetização, a identificação dos níveis psicogenéticos possibilitou compreender como as crianças constroem a língua escrita. Ferreiro (2006) afirmou que ao longo do processo de construção da escrita, a criança percorre quatro níveis psicogenéticos: Pré-Silábico, Silábico, Silábico-Alfabético e Alfabético. Esses níveis foram identificados, nomeados e estudados por Emília Ferreiro. A teoria da psicogênese da escrita procura descrever coerentemente o que é comum a todos os processos de alfabetização de cada indivíduo e assim superar a problematização da alfabetização. Emília Ferreiro, em parceria com Ana Teberosky, compreende que o processo de aprender a ler e a escrever passa por níveis que apresentam as suposições, ou melhor, hipóteses a que a criança chegou. A seguir a descrição de cada um dos níveis psicogenéticos.

No nível Pré - Silábico a criança não compreende a natureza do sistema alfabético. Algumas crianças já conseguem identificar a escrita e compreender sua utilidade. Inicialmente, elas diferenciam a escrita do desenho, para em seguida tentar descobrir de que forma a escrita se diferencia da fala e dos objetos. Nessa fase a criança representa a escrita através das hipóteses da representação icônica, representação não icônica, letras aleatórias e realismo nominal². Ela não estabelece nenhuma relação entre a fala e a escrita. Por exemplo, supondo que a representação de objetos indica a verdadeira escrita, e não seus nomes, ou seja, coisas grandes como “BOI”, deve ser escrito de maneira grande também, e coisas pequenas como “FORMIGA”, deve ser escrito de maneira pequena.

No nível Intermediário I a criança começa a desligar a escrita das imagens e os números das letras, mas continua sem construir a relação entre a escrita e os aspectos sonoros da fala. Por exemplo, a criança já passa a fazer associação no tamanho do nome e do animal ou objeto, e varia o número de letras.

² Relação do tamanho da palavra com o tamanho do objeto.

No nível Silábico, a criança pensa que a escrita representa a fala. Nesse nível, cada sílaba é representada por uma letra, por isso é denominado silábico. Por exemplo, na palavra “BONECA”, a criança que está na hipótese silábica, normalmente escreveria “OEK”, podendo dar mais ênfase às vogais ou às consoantes. Na leitura percebe-se que cada letra representa uma sílaba.

No nível Silábico-Alfabético, a criança apresenta uma escrita algumas vezes com sílabas completas e outras incompletas, atribuindo uma letra para cada som. É uma fase de transição entre o nível silábico-alfabético e o alfabético. Nesse nível, a criança já começa a combinar vogal com consoantes numa mesma palavra, mas, mesmo assim, sua escrita ainda não é compreendida. Por exemplo, na palavra “CAMELO”, nessa hipótese silábico-alfabético poderia ser escrita “AEO”. Fazendo uma leitura não global, mas termo a termo, é entendível apenas quando a criança lê após ter escrito.

No nível Alfabético, a criança passa a compreender que as letras articuladas formam palavras. Vê a escrita como transcrição da fala e passa a escrever como se fala, não enxergando as questões ortográficas. Por exemplo, mesmo ainda tendo aprendido a reconhecer o valor sonoro das letras, não obrigatoriamente a criança separa as palavras em uma frase como, ACASAEBONITA, pois ainda está em processo de aquisição de conhecimentos e amadurecendo a construção do sistema escrito.

O construtivismo renuncia a qualquer prática que tenha por base o conhecimento completo e etapas severas de aprendizado. Esse princípio é fundamentado em pesquisas do psicólogo Jean Piaget. Essa linha pedagógica possibilita que cada criança construa seu próprio conhecimento e a intervenção do professor ocorre somente quando necessário.

Dessa forma, percebe-se que no método fônico e demais sintéticos, os conhecimentos prévios da criança não são levados em conta, ou seja, ela não possui experiências suficientes para interagir e ocorrer à troca de conhecimentos com os demais. O que é absurdo, pois todos têm o que aprender com o outro, e a troca de

experiências é algo enriquecedor. Por outro lado, o construtivismo é o receptor do pensamento contrário do método fônico e demais sintéticos.

Dessa forma, na perspectiva construtivista do aprendizado da criança, é importante considerar sua participação e seu envolvimento ao longo do processo de alfabetização.

2. LINGUAGEM ESCRITA

Este capítulo objetiva refletir sobre a linguagem escrita na escola, como ela é vivenciada nesse meio. Será apresentado o processo da linguagem escrita, expondo sua relação com a oralidade, o desenho e sua condição no meio escolar.

A língua escrita pode ser definida em uma percepção geral, e constatada não somente no ambiente escolar. Como Ferreiro (1992) afirma que a língua escrita é um objeto de uso social, com uma existência social (e não escolar).

O processo de escrita existiu antes mesmo da criação do alfabeto, desde o homem pré- histórico que pintava nas cavernas, objetivando transmitir e registrar uma mensagem. A escrita tem mais de cinco mil anos de uso e sua utilidade pode ser notada em diversas áreas, de acordo com Teberosky e Tolchinsckky (1996) “a escrita tem, no entanto, uma longa história social de mais de cinco mil anos de uso. Tem sido utilizada em múltiplas circunstâncias: nas transações comerciais, nos registros de fatos ou idéias, na expressão poética”.

De acordo com Dias (2001), esse momento histórico da evolução do processo de escrita foi muito importante, pois representa o marco da comunicação entre as pessoas. Nos dias de hoje essa forma de comunicação, conhecida como escrita, constantemente sofre mutação pelos meios de comunicação e pelas novas tecnologias.

Assim como a oralidade, a escrita também é um processo relevante para a formação humana. Não podemos afirmar qual dos dois processos é o mais importante ou o mais difícil de aprender, mas podemos afirmar que “O oral existe sem a escrita, mas a escrita não existe sem o oral” (DIAS, 2001, p.52).

É nesse sentido, de entender o processo da linguagem escrita, que as pesquisas de Emilia Ferreiro e Ana Teberosky (1993) sobre a psicogênese da língua escrita (Processo evolutivo da língua / Abordagem psicológica de como a criança se

apropriada da língua escrita e não um método de ensino) são de tamanha importância para a compreensão desse processo.

“A escrita é uma atividade de exteriorizar o pensamento” (CAGLIARI, 1990, p.150) e “com objetivo de ir além da oralidade, de perpetuar sua mensagem” (DIAS, 2001, p.52).

É interessante perceber que o desenho e a escrita são manifestações significativas que surgem naturalmente no decorrer do desenvolvimento infantil. Através de pequenos traçados, a criança representa a sua imaginação e determina textos, reproduzindo detalhadamente figuras que se assemelham ao que ela afirma estar representando. Em relação ao desenho e à escrita como manifestações que ocorrem no decorrer do desenvolvimento da criança, Gagliari afirma:

“Um desenho não participa necessariamente de um tipo de escrita. A escrita, para ser qualificada como tal, precisa de objetivo bem definido que é fornecer subsídios para que alguém leia. [...] qualquer desenho [...] pode ser decifrado, comentado linguisticamente, sem que seja necessariamente um sistema de escrita [...]” (CAGLIARI, 1990, p.104).

Segundo Dias (2001, pág. 57), “quando a criança tenta expressar todas as suas mentes através do desenho, isso indica que ela ainda não percebe a função social da escrita”. O desenho e escrita são processos distintos porque a linguagem escrita pertence a um sistema representativo, com regras próprias e estabelecidas por convenção social, enquanto o desenho é apenas a representação da imaginação e, portanto, não obedece a regras. Para Ferreiro (1993), essa distinção entre desenhar e escrever é de fundamental importância, pois ao desenhar a criança reproduz a forma do objeto e ao escrever ela se encontra fora desse domínio, e está agora no domínio da escrita, o qual ela produz.

A construção da língua escrita é um processo complexo, que não se resolve por meio de exercícios mecânicos e repetitivos. Sendo assim, as novas possibilidades de ação pedagógica e as frentes de trabalho junto ao aluno sugeridas por uma

concepção construtivista resultarão de uma postura educativa alicerçada no tripé: aluno, escola e alfabetização. Ou seja, um trabalho focado na construção do conhecimento para o crescimento do indivíduo, através da alfabetização construtivista, unindo o aluno mais ainda à escola.

Desconsiderando todos os recursos expressivos conquistados pela criança, a escola pretende ensinar um “novo” sistema de comunicação, a escrita, como se ele pudesse ter completa autonomia: independentemente da fala, do desenho, do gesto, da mímica e, por isso, independe da idéia. No que diz respeito à conquista da escrita, a criança revive a história de busca de registros funcionais que tem na escrita a mais adequada forma de expressão.

Segundo Colello (1993, pág. 59):

“toda criança ao ingressar na escola, dispõe não apenas da fala, mas de um arsenal de comportamentos motores que, independentemente da sua dimensão funcional e prática, representa também uma face da própria linguagem. Isso porque o corpo, tal como as palavras, transmite formas de pensar, modos de se fazer presente no mundo e de interagir com os demais”.

Ainda segundo Colello (1995, pág. 24):

“Mais do que aprendizagem de habilidades, conceitos ou regras, o alfabetizando deve conquistar uma consciência a partir daquilo que ela já domina e construir uma nova relação com a fala interior de modo a conciliar seus processos mentais às exigências da escrita, a gramática, por exemplo, sem, com isso, perder de vista o seu objetivo fundamental que é a comunicação. Se o que priorizamos é a escrita como meio de expressão das idéias e a leitura como compreensão do mundo, não há como negar a necessidade de sintonia entre o pensamento e a linguagem nem a mediação entre o falar e o escrever”.

Na ânsia de ensinar a escrever, muitos professores instruem a seus alunos o ensino “gramaticalista” que acaba por abafar o talento e o desejo de se expressar.

Em relação ao ensino da escrita, Colello (1995, pág. 95) relata o seguinte:

“Acreditamos que o ensino da leitura e escrita não pode assassinar a possibilidade de expressão, que o esforço de correção lingüística deve ser precedido pela consciência do valor das normas de escrita, e pela vontade de se autocorriger. No fundo, é a convivência com a escrita e a vontade de se expressar melhor que colocam para o aprendiz a necessidade de regras. Sendo assim, a ortografia, tradicionalmente imposta, entra como um recurso a mais àquele que, na busca de expressão pessoal, sente a necessidade do ‘bem escrever’. Ensinar a linguagem escrita significa compreender esse sistema de representação nos seus usos, nas suas modalidades e necessidades, garantindo cada vez mais a ampliação da possibilidade expressiva. Trata-se, antes de tudo, de poder manipular espontaneamente a semântica, a sintaxe, e a fonética, tendo em vista os propósitos de comunicação, em diferentes situações.”

A autora relata o que deve ser realizado no momento em que um professor estiver ensinando, é deixar o aluno se familiar e aprender com o processo de leitura e escrita, sabendo lidar com erros e acertos. Assim o professor possibilita que o aluno conviva com esse aprendizado e se expresse melhor, enriquecendo seu vocabulário e sua escrita.

A linguagem escrita tem uma total relação com a convivência, o dia-a-dia, seja no trabalho ou na escola. Mesmo com suas dificuldades, desde o início da escolarização, o processo da linguagem escrita evolui com a oralidade, o desenho, até alcançar à escrita.

3. METODOLOGIA

O estudo foi realizado com base em uma pesquisa qualitativa do tipo estudo de caso. A pesquisa qualitativa é o tipo de pesquisa realizada para aferir aspectos qualitativos de alguma questão, como percepções, motivações etc. O estudo de caso designa um método da abordagem de investigação em ciências sociais simples ou aplicadas. Consiste na utilização de um ou mais métodos qualitativos de recolha de informação e não segue uma linha rígida de investigação. Vivenciar e ver como a criança desenvolve seu aprendizado é um dos objetivos nesse tipo de pesquisa.

3.1. - O Campo da Pesquisa

A pesquisa de campo foi realizada em uma escola da Rede Pública Municipal de Fortaleza. Trata-se de uma observação prática, realizada durante o período de maio a junho de 2010. A escola possui 830 alunos nos turnos manhã, tarde e noite e oferece ensino básico e a EJA.

Em relação aos profissionais de educação, verifiquei que a escola não possui coordenador pedagógico, apenas supervisora nos três turnos. Para realizar a coleta de dados observei uma sala de aula de 1º ano no Ensino Fundamental, que contava com 28 alunos, mas com frequência de 25, no turno da manhã.

A escolha dessa escola foi feita pelo fato da mesma ter uma boa localização, e ter boas recomendações em relação ao ensino e aprendizagem dos alunos. O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), da escola é 4,7. Para uma escola de boa qualidade o IDEB precisa ser igual ou superior a 6, segundo o MEC.

A escolha da sala de aula foi bem tranquila, pelo fato da própria diretora fazer o encaminhamento, descrevendo a professora e a sala de aula, como sendo uma turma ótima e que acolhia, sempre, muito bem, algum estágio ou pesquisa. Tudo isso que ocorreu facilitou muito a tarefa, pois a turma teve, realmente, uma boa recepção e contribuiu para que toda a análise fosse realizada e superasse as expectativas.

Ao entrar na sala de aula, percebi que se tratava de uma sala muito arejada, mas sem espaço suficiente para fazer “rodinha” e outras dinâmicas. Ao lado do birô da professora, que ficava bem centralizado em frente ao quadro branco, existiam dois armários, um da professora do turno da manhã e o outro da professora do turno da tarde. Ao final da sala existia uma estante, onde eram colocados os jogos, alguns livros de leitura e cartolinas velhas que despregavam da parede e eram lançadas para cima da estante.

No primeiro dia de aula em que estive presente, as cadeiras e mesinhas estavam posicionadas em “meia-lua”, e nos outros dias o posicionamento mudou para o modo tradicional das fileiras de carteiras, uma atrás da outra. Essa forma de organização tornava a sala pouco espaçosa e menos dinâmica. E sem falar do sol que dificultava os alunos que sentavam próximos à parede onde havia aberturas. O sol penetrava na sala de aula, tornando a visão ruim para os alunos realizarem qualquer atividade.

Gostaria de frisar a afinidade da professora com os alunos, que parecia muito natural, não presenciei em nenhum momento a professora subir o tom de voz com seus alunos e ocorria uma reciprocidade muito válida quanto ao respeito. Consequentemente, o domínio de sala se estabelecia e sempre havia uma compreensão pelos alunos em relação à didática utilizada pela professora.

A turma era bem tranqüila, interessada e respondia muito bem o que lhe era pedido. Boa parte dos alunos já havia iniciado o processo de escrita e leitura, que foi algo que chamava a atenção, por deparar-se com quase 60% de uma turma que sabia ler e escrever. Na verdade, “todas” as escolas, principalmente, da rede pública deveriam estar nesse patamar, ou seja, a maioria dos alunos deveria ler e escrever alfabeticamente.

3.2. - Sujeitos da Pesquisa

Participaram da pesquisa cinco alunos da turma observada, bem como a professora da sala. Com a ajuda da professora foi realizada a escolha dessas cinco crianças. Ela descreveu como era o nível de aprendizado da leitura e da escrita, bem como relatou o processo de aprendizagem desses alunos e o que ainda era

necessário para que eles se tornassem leitores e escritores alfabéticos. Os alunos selecionados pertenciam ao “grupo” daqueles que ainda não haviam alcançado o desenvolvimento da leitura e da escrita em relação aos demais da turma que já se encontravam no nível alfabético. Desse modo, o critério para a escolha dos alunos foi definido por aqueles que ainda não haviam atingido a hipótese alfabética.

Os alunos que participaram da pesquisa encontravam-se na faixa etária de 6 anos, idade em que a maioria das crianças está no período de alfabetização. Dessas cinco crianças, duas são meninas e os outros três meninos. Para efeito de preservação da identidade do grupo, optei por denominá-los de Raquel, João, Yasmin, Matias e Mateus.

Para a identificação da professora titular da sala de aula utilizei o nome fictício de Joana, ela também leciona o 4º ano no turno da tarde. Tem formação em Pedagogia e é Pós-graduada em Administração Escolar pela Universidade Vale do Acaraú (UVA). A professora não é sindicalizada e leciona há 24 anos em salas de alfabetização.

3.3. - Procedimentos de Coleta de Dados

Para coleta de dados, foram realizadas três atividades avaliativas da leitura e da escrita³ com os alunos selecionados. Cada uma delas com o principal objetivo de diagnosticar o nível psicogenético de cada aluno. Além da aplicação das atividades, foi realizada uma breve entrevista com os alunos e uma entrevista com a professora da turma.

3.3.1.- As atividades avaliativas da leitura e da escrita

A primeira atividade (Ilustração 2), denominada Interpretação do Nome Próprio, objetivou verificar se o aluno compõe seu próprio nome com alfabeto móvel e se atribui importância à sequência e ao conjunto de letras do seu nome. Foi utilizado, como material, o alfabeto móvel e uma folha de registro. No início da atividade são

³ FIGUEIREDO, Rita Vieira de – Avaliação da leitura e da escrita: uma abordagem psicogenética./ Rita Vieira de Figueiredo, Adriana Leite Limaverde Gomes, Claudiana Maria Nogueira Melo, Maria Cílvia Queiroz Farias. – Fortaleza: Edições UFC, 2009.

apresentadas as letras do alfabeto móvel que formam o nome do aluno, estas letras são embaralhadas e o aluno é solicitado a compor seu nome. Caso encontre dificuldades, a ajuda do aplicador poderá ser necessária. Ao compor o nome, o professor retira a primeira letra do nome do aluno e pergunta se é possível fazer a leitura de seu nome. Em seguida, coloca a letra retirada no local, e retira a última letra e faz a mesma pergunta. Pode-se deslocar as letras inicial e final, fazendo com que o aluno confronte suas próprias idéias e sempre pedir que os alunos justifiquem suas respostas.

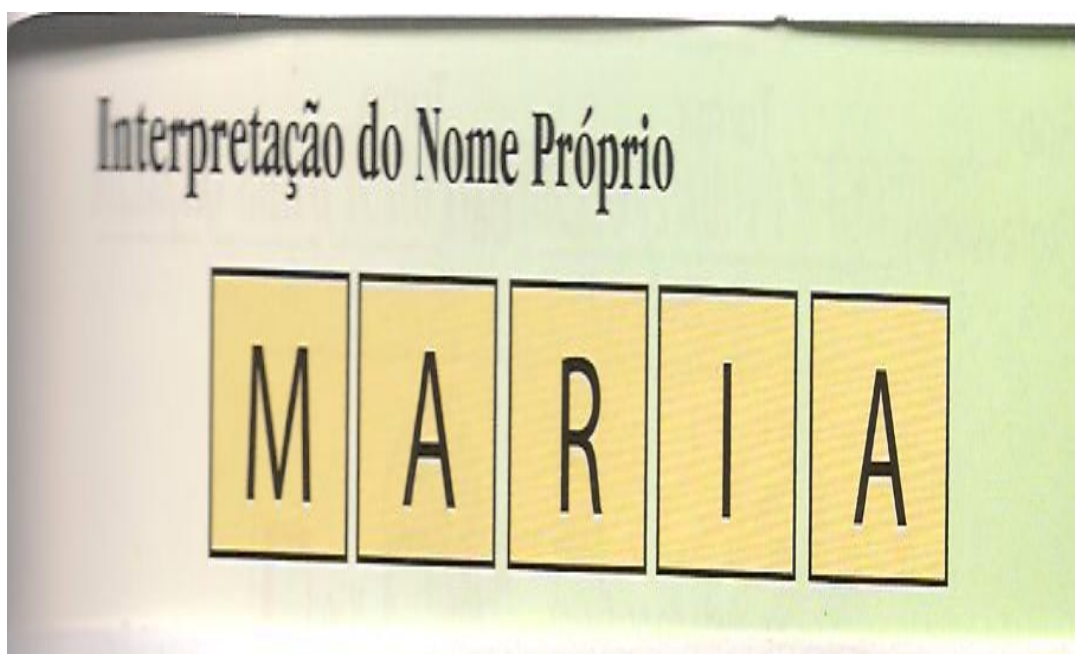


Ilustração 2: FIGUEIREDO, Rita Vieira de – Avaliação da leitura e da escrita: uma abordagem psicogenética./ Rita Vieira de Figueiredo, Adriana Leite Limaverde Gomes, Claudiana Maria Nogueira Melo, Maria Cílvia Queiroz Farias. – Fortaleza: Edições UFC, 2009.

A segunda atividade (Ilustração 3), denominada Permanência na Escrita, objetivou verificar se o aluno considera a permanência da escrita em relação à gravura. Nessa atividade foram utilizadas cartelas com gravuras, fichas separadas com as palavras correspondentes às gravuras e folha de registro. Inicia-se a atividade apresentando gravuras, juntamente com as fichas com os nomes dos animais correspondentes. Em seguida é pedido que o aluno nomeie cada gravura e que leia a

palavra situada embaixo de cada uma delas. Depois, o professor faz a troca de lugares das cartelas com as gravuras dos animais, tudo isso à vista do aluno, em seguida é pedido que o aluno leia as palavras. É solicitado que ele faça uma análise da leitura, caso esteja de acordo com a leitura alfabética, pedir que o aluno coloque as gravuras nos lugares devidos, ou caso tenha encontrado dificuldade na leitura ajudar o aluno.

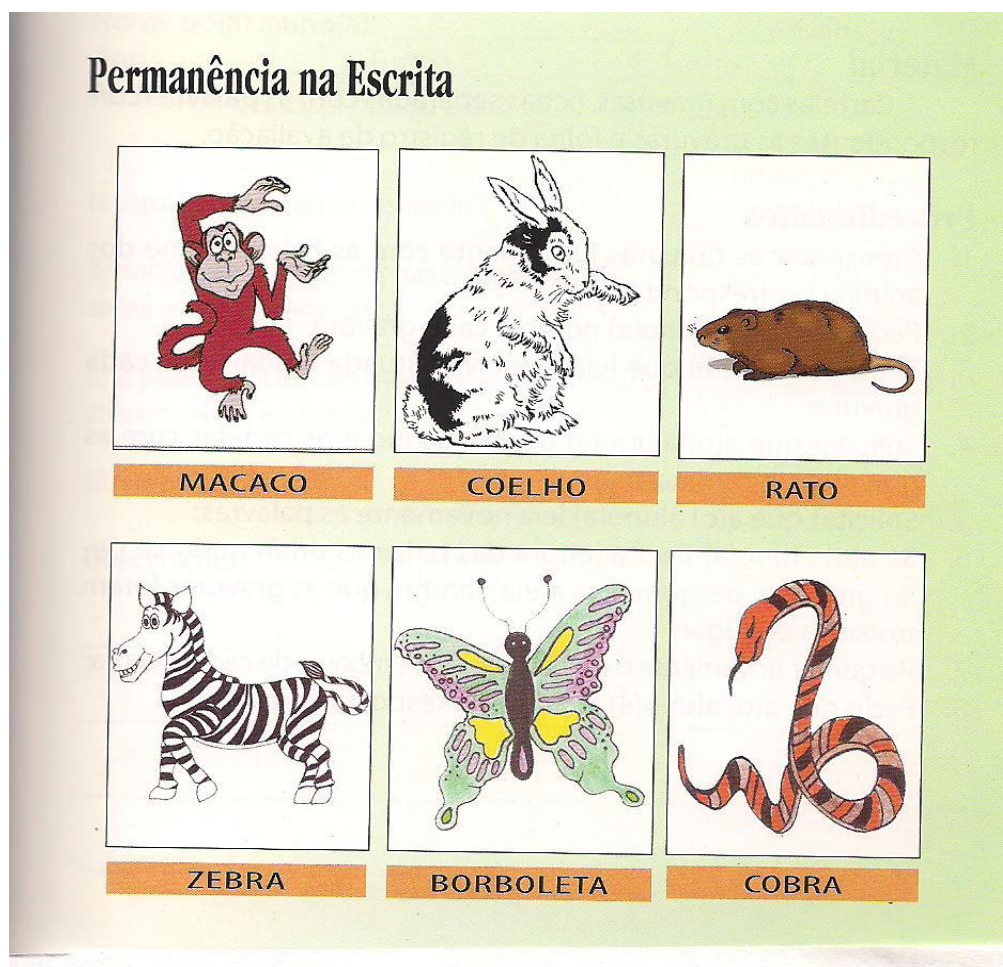


Ilustração 3 : FIGUEIREDO, Rita Vieira de – Avaliação da leitura e da escrita: uma abordagem psicogenética./ Rita Vieira de Figueiredo, Adriana Leite Limaverde Gomes, Claudiana Maria Nogueira Melo, Maria Cílvia Queiroz Farias. – Fortaleza: Edições UFC, 2009.

A terceira atividade (Ilustração 4), denominada Ditado de Palavras Formadas por Sílabas Canônicas e Não-Canônicas, objetivou verificar as hipóteses que o aluno elabora sobre a escrita de palavras formadas por sílabas canônicas (simples) e não-canônicas (complexas). O material utilizado nessa atividade foi uma folha de papel ofício e lápis. Inicia-se a atividade solicitando que os alunos enumerem de 1 a 6 e

deixem um espaço para que escrevam as palavras do ditado. Em seguida, pedir que as crianças escrevam as palavras ditadas pelo professor, uma a uma.

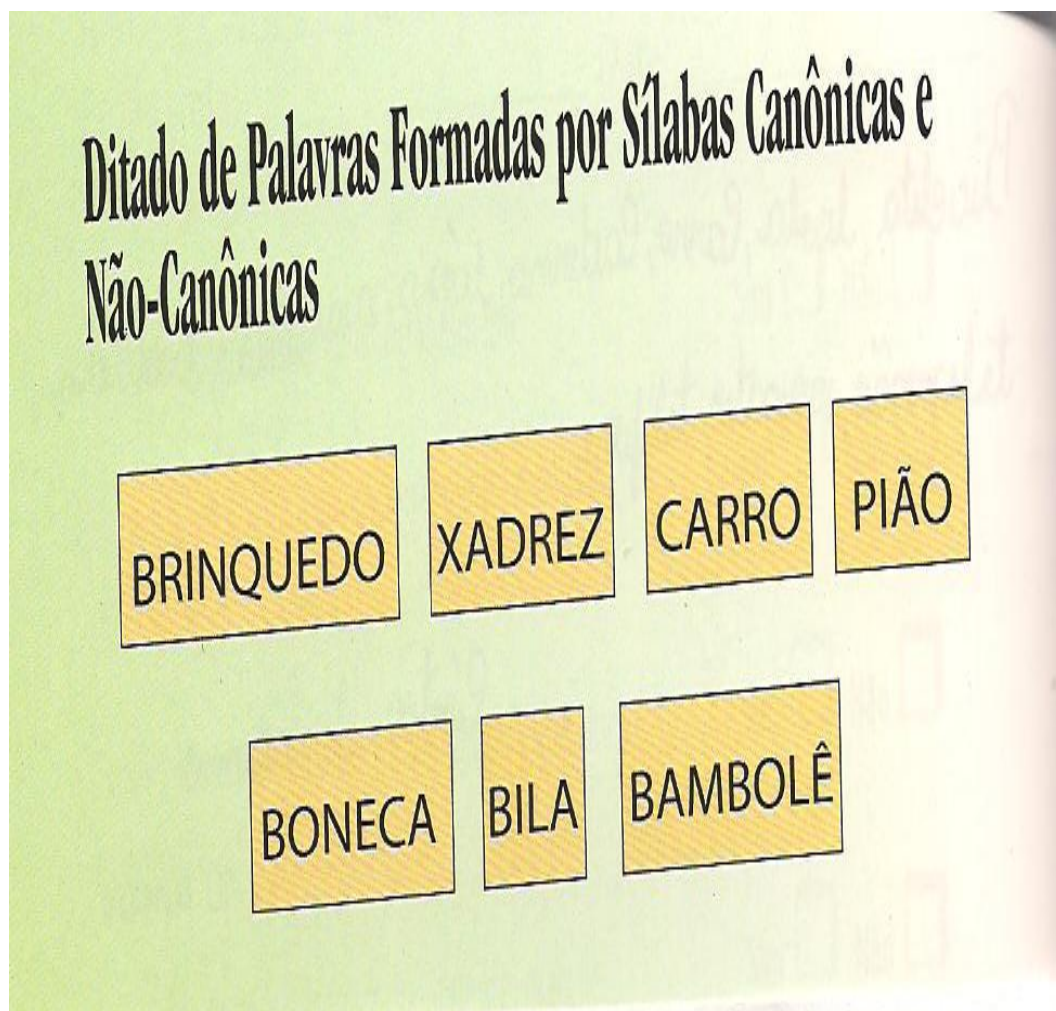


Ilustração 4: FIGUEIREDO, Rita Vieira de – Avaliação da leitura e da escrita: uma abordagem psicogenética./ Rita Vieira de Figueiredo, Adriana Leite Limaverde Gomes, Claudiana Maria Nogueira Melo, Maria Cílvia Queiroz Farias. – Fortaleza: Edições UFC, 2009.

3.3.2.- As entrevistas

A entrevista com os alunos foi realizada de modo informal e teve o objetivo de verificar o que eles mais gostam de fazer e o que eles pensam sobre as atividades desenvolvidas na escola.

A entrevista realizada com a professora teve o objetivo de saber quais as dificuldades encontradas no processo de alfabetização e como elas são superadas, quais recursos utilizados em sala de aula e como é a devolutiva dos alunos quanto ao ensino. Enfim, como a professora percebe o ensino e o aprendizado dos alunos no processo de alfabetização. Assim, a entrevista com a professora objetivou esclarecer a forma como a alfabetização era trabalhada constantemente em sala de aula.

3.4. - Análise dos Dados

3.4.1 - As atividades avaliativas de leitura e de escrita: o desempenho dos alunos

De modo geral, percebeu-se que no decorrer das atividades os alunos tinham uma atenção que facilitava a sua aplicação. O interessante foi a análise da iniciação dos alunos em relação à noção de letras, palavras, sílabas e frases. A seguir, a análise de cada atividade dos alunos Raquel, João, Yasmin, Matias e Mateus.

Atividade 1 – Interpretação do Nome Próprio:

Todos os cinco participantes deste estudo realizaram a atividade conforme o objetivo. Eles conseguiram identificar que as letras que estavam expostas e misturadas formavam seus nomes e concluíram a atividade sem dificuldades. Um deles (Mateus) está no nível alfabético, portanto já domina o funcionamento do sistema da escrita, enquanto os demais (Raquel, João, Yasmin e Matias) ainda estão se iniciando na língua escrita, mas já reconheceram as letras do nome próprio. Essa atividade possibilitou que os alunos pudessem diferenciar as letras umas das outras e a quantidade de letras para escrever o nome.

Percebeu-se que uma característica da atividade do nome próprio é a possibilidade da criança aprender sua escrita, mesmo não tendo alcançado a hipótese alfabética, porque ela pode memorizar. Todos os alunos, sem exceção, consideraram que seu nome estava escrito quando todas as letras estavam na sequência de letras “corretas” e quando alteradas ou faltando questionaram e indagaram que algo estava errado naquele momento.

Grossi (1990) afirma que a associação do nome próprio com objetos é algo comum e é uma atividade muito rica para a alfabetização. Porém, deve ser feita de

forma repetitiva e limitada a poucos objetos. Não é a repetição que produz aprendizagem. É o conhecimento de múltiplas relações que gera conhecimento. Ou seja, para que a criança possa aprender e diferenciar as letras de seu nome, a comparação com letras iniciais de objetos é uma opção para se ensinar e aprender com mais facilidade. Assim, a criança “memoriza” o seu nome e é capaz de formá-lo sem dificuldades, como ocorreu com os alunos sujeitos deste estudo.

A importância da composição do nome próprio no aprendizado da escrita e leitura da criança oferece o primeiro passo para a compreensão do sistema alfabético. É na percepção do nome próprio que a criança conhece as primeiras letras que formam seu nome, e assim, se apropria do universo das letras.

Com a realização da atividade avaliativa da linguagem escrita de Interpretação do Nome Próprio, verificou-se qual a situação do processo de aprendizagem dos alunos que participaram das atividades. Com os resultados obtidos na análise da atividade, percebeu-se que os alunos foram capazes de reconhecer, particularmente, as letras que formavam seus nomes, e identificar que mesmo havendo mudança no local das letras, os alunos percebiam e corrigiam. Conhecendo e identificando o nome próprio, a criança inicia o processo de aprendizagem. Por isso a importância da primeira atividade na pesquisa.

Atividade 2 – Permanência na Escrita:

Todos os participantes deste estudo se mostraram inseguros durante essa atividade, principalmente no momento em que era solicitada a identificação dos nomes dos animais e quando os nomes eram trocados e não ficavam mais de acordo com a figura. Apesar da insegurança demonstrada, eles participaram ativamente da atividade, sendo possível verificar que eles se apoiaram na leitura das imagens e não na dos textos. Dos cinco alunos participantes, somente um (Mateus) conseguiu realizar a atividade conforme o objetivo, isto é ele atribuiu significado a pauta escrita e não a imagem. Inicialmente, o aluno relacionou as letras iniciais dos nomes dos animais com as imagens, em seguida decodificou pausadamente cada sílaba, relacionando a escrita com a imagem.

Para Ferreiro (1993) o processo de aquisição da língua escrita é um processo difícil para a criança, mas não mais difícil que os outros processos de aquisição de conhecimento. Portanto, trabalhar a leitura de um texto de modo articulado com a imagem, pode contribuir para que a criança estabeleça a relação entre texto e imagem. Nessa atividade, observamos que quando ocorre somente a leitura baseada na imagem, ao trocarmos as palavras com os nomes dos animais a dificuldade aparece, pois o que é lido não são as palavras, mas sim as imagens.

Em relação à leitura, Vigostisky (1998, pág. 189) afirma ainda que:

“até agora, a escrita ocupou um lugar muito estreito na prática escolar, em relação ao papel fundamental que ela desempenha no desenvolvimento cultural da criança. Ensina-se as crianças a desenhar letras e construir palavras com elas, mas não se ensina a linguagem escrita. Enfatiza-se de tal forma a mecânica de ler o que está escrito que acaba-se obscurecendo a linguagem escrita como tal”.

Ou seja, a leitura memorizada, ou mecânica ainda é muito presente na realidade escolar. Tal procedimento reforça a concepção de que ler é decodificar sem preocupação em atribuir sentido.

Retomando a análise da atividade, no caso do aluno Mateus, como já tem um nível mais avançado, apesar de mostrar um pouco de insegurança, ele foi capaz de realizar a atividade conforme o objetivo. Os demais não faziam relação dos nomes dos animais com as figuras, “liam” apenas a figura. A leitura baseada de forma exclusiva na figura indica que o aluno utiliza como estratégia a imagem para dar significado e não a pauta escrita.

Na realização da segunda atividade avaliativa da linguagem escrita, percebeu-se que no processo de aprendizagem ocorreu uma alteração em relação a real Permanência da Escrita. Pois o que era para ocorrer como sendo uma leitura e reconhecimento das fichas com os nomes dos animais relacionando-os com as figuras, concluiu-se uma leitura apenas de figuras. Mesmo com essa leitura feita por memória, ou por percepção da figura, a criança está caminhando no processo de

aprendizagem, pois muitas vezes sabe reconhecer as letras iniciais das palavras, e isso já é um bom começo. Assim, a análise do processo é contínua.

Atividade 3 – Ditado de Palavras Formadas por Sílabas Canônicas e Não-Canônicas:

Dos cinco participantes deste estudo, quatro (Raquel, João, Yasmin e Matias) não realizaram a atividade de acordo com o nível alfabético. Escreviam as palavras ditadas, mas não de maneira alfabética e realizaram a leitura das palavras como imaginavam. No caso do aluno Mateus, mesmo estando no nível alfabético, ele enfrenta algumas dificuldades na decodificação de sílabas mais complexas.

De acordo com Vieira (2005) os ‘erros’ são reflexos do que a criança está construindo ao explorar as propriedades da linguagem, até dominar a escrita convencional. Os “erros” são evidentes nessa atividade, pelo fato dos alunos estarem em processo de alfabetização.

No ditado realizado pela aluna Raquel (Ilustração 5), percebe-se que na parte escrita há a utilização de um repertório variado de letras, no entanto não há correspondência sonora na escrita. No ditado da aluna Raquel, como já foi mencionado, as letras não apresentam relação com as verdadeiras palavras, sejam elas iniciais ou finais. No caso das palavras CARRO e BONECA, existe uma relação apenas com a letra inicial (COREF = CARRO e BALEC – BONECA). E no ditado do aluno João, apenas a palavra CARRO possui a letra inicial “correta”. As demais palavras permanecem sem ter semelhança com as palavras ditadas.

1- ABLTR- (BRINQUEDO)
 2- RBITFE- (XADREZ)
 3- COREF- (CARRO)
 4- UFR- (PIÃO)
 5- BALÉC- (BONECA)
 6- CURTEUCF- (BILA)
 7- ROTFU- (BAMBOLE)

Ilustração 5: Ditado realizado pela aluna Raquel

Analisando as palavras escritas pelo aluno João (Ilustração 6), percebe-se a escrita da letra inicial da palavra CARRO. Outras duas palavras que ganham destaque no ditado feito pelo aluno são: XADREZ e BONECA. Se analisarmos, a leitura dessas palavras só foi possível pelo fato da palavra correta estar escrita ao lado. Mas se percebermos o som, a pronúncia é semelhante: ADES = XADREZ e OEIK BONECA.

1- ITGAC (BRINQUEDO)

2- ADES (XADREZ)

3- CARRO (CARRO)

4- PIÃO (PIÃO)

5- BONECA (BONECA)

6- BILA (BILA)

7- BAMBOLÉ (BAMBOLÉ)

Ilustração 6: Ditado realizado pelo aluno João

No momento da leitura, os alunos não liam silabicamente e rejeitavam as letras finais. Grossi (1990) afirma que no nível pré-silábico, as análises possíveis de palavras devem girar em torno da letra inicial, do número de letras, da sua ordem, da letra final, do tipo de grafemas que aparecem ou da forma das letras.

No ditado de Yasmin (Ilustração 7), nas palavras BONECA a aluna não concluiu (BONE___), e na palavra BILA, ela acrescentou uma letra (BINLA). Observa-se também que nas duas primeiras palavras ela atribuiu uma letra para cada sílaba, nenhuma possui semelhança sonora com a palavra ditada.

1. JOI (BRINQUEDO)
2. GAI (XADREZ)
3. COTA (CARRO)
4. COATE (PIÃO)
5. BONE (BONECA)
6. BINLA (BILA)
7. ASIA (BAMBOLÊ)

Ilustração 7: Ditado realizado pela aluna Yasmin

O aluno Matias sempre se mostrava muito atento à atividade e a cada palavra ditada, logo escrevia como pensava ser a palavra. Podemos perceber (Ilustração 8) que na palavra CARRO, o som do “CA” é representado apenas pela letra “K”, já as demais palavras não estão escritas com as sílabas iniciais, mas permanecem com suas letras iniciais “corretas”. Após o ditado, foi solicitada a leitura das palavras e o aluno leu silabicamente. Por exemplo, na palavra PIÃO, ele leu PE-XO (PE=PI e XO=ÃO), mas não representou integralmente as sílabas.

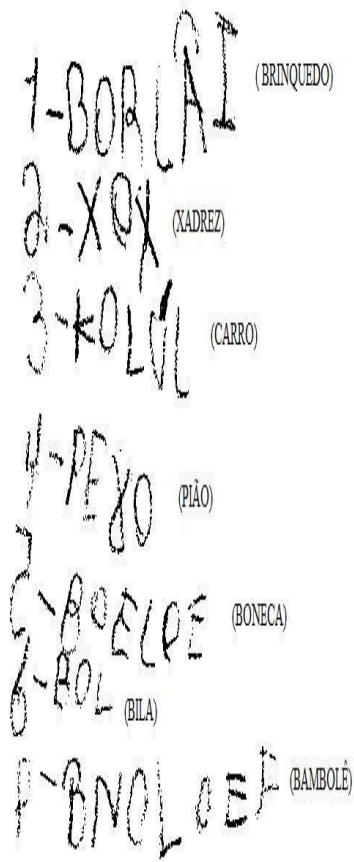
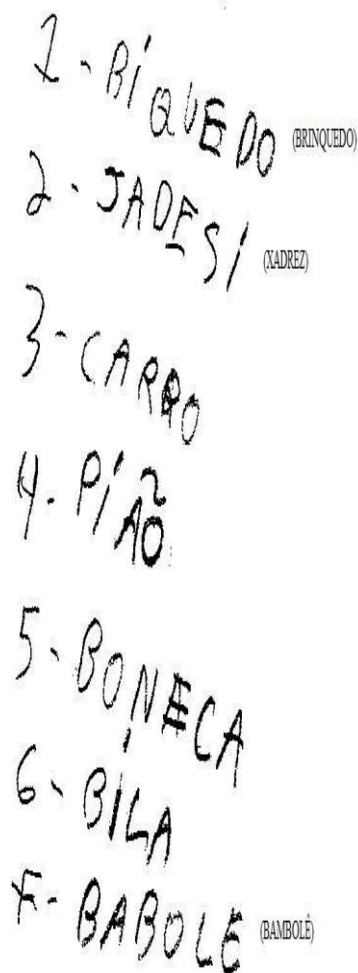


Ilustração 8: Ditado realizado pelo aluno Matias

Analisando as características das escritas dos alunos Yasmin e Matias, o nível identificado é o silábico. Grossi (1990) define o nível silábico como sendo “a segmentação quantitativa das palavras em tantos sinais gráficos quantas são as vezes que se abre a boca para pronunciá-las”. Ou seja, afirmando o que diz respeito ao nível silábico, uma característica desse nível é o indivíduo que atribui uma letra para cada sílaba da palavra ditada, que é o caso da aluna Yasmin.

O aluno Mateus se preocupava com a escrita ortográfica, quando tinha dúvidas, demonstrava receio para realizar sua escrita. Como pode ser observado (Ilustração 9), o ditado feito possibilita uma leitura sem dificuldades.



1 - BÍQUEDO (BRINQUEDO)
2 - JADESI (MADREZ)
3 - CARAO
4 - PIAO
5 - BONECA
6 - BILA
F - BABOLE (BAMBOLE)

Ilustração 9: Ditado realizado pelo aluno Mateus

De acordo com Dias (2001), o sujeito que domina a relação letra-sílabasom e as regularidades da língua, ou seja, escreve os mesmos sons com as mesmas letras, ele está no nível alfabético. É o caso de Mateus. Percebe-se a ausência de algumas letras que contribuem para que a palavra seja escrita de forma ortográfica,

mas a falta dessas letras não dificulta a leitura, tendo em vista que ele apresenta uma escrita alfabética.

Em uma visão geral de todas as atividades realizadas com os alunos, percebi que na primeira atividade todos conseguiram executar sem dificuldades, já na segunda os alunos tiveram dificuldades em relação à leitura das palavras abaixo das figuras dos animais, quando ocorreu a troca de cartelas. Na terceira atividade, o ditado causou certa insegurança, pois eles não tinham o que olhar e repassar para a folha, através da cópia. Isso fez com que os alunos ficassem inseguros e encontrassem dificuldades na realização da atividade. Isso mostra o quanto os alunos se apegam a certas metodologias de aprendizagens, como o caso de ter um “seguro” em relação à cópia e não imaginam a importância de colocarem em prática o exercício do seu conhecimento.

Em relação às dificuldades no processo de aquisição da língua escrita, Ferreiro (1993) analisa o trabalho da professora como crucial na identificação da natureza das dificuldades que se apresentam algumas das quais correspondendo a problemas que devem ser enfrentados pelas crianças.

Assim, conclui-se que esses alunos estão no processo de desenvolvimento da escrita e da leitura. Dos cinco alunos que participaram das atividades avaliativas da leitura e da escrita, dois (Raquel e João) estão no nível pré-silábico, dois (Yasmin e Matias) no nível silábico e um (Mateus) no nível alfabético.

Apesar de a maioria ter demonstrado algumas dificuldades na realização das atividades avaliativas, os alunos mostraram que o incentivo por parte da professora e a atenção de ambas as partes são muito importantes na realização de atividades sejam elas avaliativas ou não.

Em relação à realização das atividades avaliativas da linguagem escrita, a identificação dos níveis psicogenéticos dos alunos participantes das atividades foi essencial para análise do andamento do processo de desenvolvimento da leitura e da escrita. Quanto aos resultados das atividades, foram esperados, já que alunos selecionados pertenciam ao “grupo” daqueles que ainda não haviam alcançado o

desenvolvimento da leitura e da escrita em relação aos demais da turma que já se encontravam no nível alfabético.

3.4.2 – Entrevista com a professora

A professora Joana, quando indagada sobre as dificuldades encontradas no processo de alfabetização dos alunos e como são superadas, relatou que não encontra nenhuma dificuldade na sua prática. A seguir, um trecho da entrevista da professora.

Professora Joana: *"Recebo os alunos com diferentes níveis de aprendizagem, principalmente pré-silábicos, mas consigo alfabetizá-los no final do ano. As dificuldades maiores são em relação à falta de apoio da família e à falta de material pedagógico".*

A professora relatou que os alunos chegam com diferentes níveis de aprendizagem e que consegue alcançar a meta de alfabetizá-los ao final do ano. Ferreiro (1993, pág. 25) diz que “as crianças são facilmente alfabetizáveis desde que descubram, através de contextos sociais funcionais, que a escrita é um objeto interessante que merece ser conhecido”.

Para Ferreiro (1993), ao longo do processo de aprendizagem da linguagem escrita, as crianças pensam, refletem e apresentam hipóteses sobre a escrita. Desse modo nem sempre o que consideramos as dificuldades, podem ser assim consideradas. Assim, as hipóteses levantadas pelas crianças acerca da linguagem escrita se tornam objeto de aprendizagem.

Quanto aos diferentes níveis de aprendizagem dos alunos, a professora relatou o seguinte:

Professora Joana: *"Procuro colocar as crianças em duplas e realizar as atividades atendendo a cada dupla dentro de cada necessidade. Também, ao final da aula, faço um reforço com as duplas, trabalho suas principais dúvidas, preparando atividades*

extras e utilizando material pedagógico, somando com as sucatas e folhas de ofício, e obtenho bons resultados”.

É importante partir do professor o interesse em ver o desenvolvimento no aprendizado de seus alunos. No caso da professora Joana, há uma grande vantagem em realizar atividades em duplas, pois alunos que estão mais avançados em determinados níveis de ensino auxiliam e somam no aprendizado do colega. E ao final todos se beneficiam, pois existe uma troca de saberes e isso é muito rico.

A LDB/96, art. 13, parágrafo IV, se refere como incumbência dos docentes estabelecer estratégias de recuperação para os alunos de menor rendimento. Assim, o professor deve planejar sempre com antecedência suas atividades de leitura e escrita. Por isso, é essencial manter-se atualizado com o mundo e as novas pesquisas didáticas e confrontar os alunos logo no início do processo de alfabetização. Considerando seus conhecimentos prévios e realizando esses confrontos, a criança irá perceber que os resultados irão implicar no decorrer do ano e de sua vida escolar. Daí a importância de descobrir quais as hipóteses de escrita da criança, mesmo antes que saiba ela ler e escrever.

Ferreiro (1985, pág.17), diz que “as crianças que ainda não estão alfabetizadas podem contribuir com proveito na própria alfabetização e na dos seus companheiros, quando a discussão a respeito da representação escrita da linguagem se torna prática escolar”. Então, é importante estabelecer um vínculo com os alunos e incentivar o apoio no processo do aprendizado da leitura e da escrita é incontestável.

Em relação ao trabalho na escola, a professora se preocupa muito com o processo de aquisição da escrita. E relata:

Professora Joana: "Temos planejamento e conselho de classe, mas na verdade acredito que o professor tem uma função maior de FAZER ACONTECER! E acreditar no seu trabalho, caminhando lado a lado com a família, comunidade e escola. Pois deve haver troca de experiências com os professores, principalmente, os mais próximos (2º e 3º anos). E fazer a DIFERENÇA SEMPRE!"

A realização de um bom planejamento, juntamente com o conselho de classe, em encontros, é de fundamental importância. Apresentar uma aula e aplicar atividades exige um planejamento bem feito e organizado, e, como disse a professora Joana, uma das funções do professor é fazer acontecer, realizando aprendizado garantido. A professora também frisa a relação da escola com a família e a comunidade, possibilitando assim a troca e o enriquecimento de experiências.

Ainda de acordo com a LDB/96, Art. 13, parágrafo III, é papel do docente zelar pela aprendizagem dos alunos. O papel do professor é muito importante no processo de aquisição da escrita. É com atenção, vínculo, paciência, aprendizado, criatividade, intervenção e estímulo que o aluno desenvolve e progride nesse processo.

Em relação aos recursos didáticos utilizados em sala de aula, a professora disse que:

Professora Joana: “Utilizo livros e jogos pedagógicos, tais como dominós de palavras e frases, quebra-cabeças, alfabeto móvel, jogos de madeira, jogo (soletrar) e outros feitos com sucata. E o que mais me estimulou foram os cursos do PAIC (Programa de Alfabetização na Idade Certa) ⁴ e o Pró-Letramento, que fazem parte da minha formação continuada”.

Na fala da professora, percebe-se a importância da formação continuada, que começa desde um planejamento dos horários de trabalho, de estudo, a presença de um formador que tenha a capacidade de adquirir a confiança e o respeito da equipe do colegiado. Tudo isso diz respeito à formação continuada, ou em serviço. E o início dessa formação é dado, prioritariamente, em capacitações para os docentes, mas a aplicação prática na escola se torna mais efetiva a partir do acompanhamento do coordenador pedagógico.

⁴ Programa de Alfabetização na Idade Certa. Trata-se de um programa do Governo do Estado do Ceará que objetiva contribuir para a formação dos professores alfabetizadores, além de oferecer material didático para os alunos e professores.

Durante a entrevista, a professora acrescentou ainda que existe na escola um trabalho feito pela professora da biblioteca da escola, onde os alunos da turma frequentam uma vez na semana e usufruem do espaço com contações de histórias e roda de leitura.

Segundo Libâneo (2007), a gestão do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) realiza um programa chamado Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), que teve início em 1997 e seus recursos financeiros provêm do orçamento geral da União. Esse programa oferece à biblioteca da escola livros didáticos e paradidáticos, proporcionando o crescimento da educação.

Libâneo (2007), diz que o objetivo do PNBE é distribuir obras literárias e de referência às escolas de ensino fundamental da Rede Pública, visando melhorar o conhecimento dos professores e dos alunos. Outros objetivos principais do PNBE são: a democratização do acesso às fontes de informação, apoio à atualização e ao desenvolvimento profissional do professor e o estímulo da leitura e formação de alunos e professores leitores.

Percebe-se que o incentivo à leitura é fundamental no processo de formações dos leitores, pois no mundo atual a tecnologia vem se desenvolvendo e os livros, muitas vezes, são esquecidos e o desenvolvimento da leitura e da escrita depende desses programas de incentivo à leitura e aos leitores.

A entrevista com a professora revelou que a formação continuada na vida da professora e sua dedicação ao estudo de seus alunos são essenciais para que o aprendizado aconteça e se desenvolva. Assim, o trabalho realizado pela professora torna-se extremamente significativa, possibilitando uma reflexão onde a metodologia de ensino utilizada em sala de aula pode transformar e estimular o aprendizado de seus alunos.

3.4.3. – Entrevistas com os alunos

Ao indagar sobre o que eles mais gostam de fazer na escola, os cinco alunos, respectivamente, Raquel, Yasmin, João, Mateus e Matias, responderam:

Raquel: *“Gosto quando a tia conta história antes da gente ir pra casa”*. “

João: *“A hora que mais gosto é quando a tia conta história pra gente”*.

Yasmin: *“Gosto quando a turma vai para a sala de leitura (biblioteca), por que lá a tia conta historinhas com fantoches e mostra livros com figuras”*.

Matias: *“Gosto quando a tia leva a gente para sala de leitura”*.

É notável na fala dos alunos a preferência por ouvir histórias e pelo ambiente da sala de leitura. É primordial a contação de histórias na escola, pois assim os alunos expõem suas idéias sobre o que foi lido. Principalmente, histórias que façam com que os alunos se divirtam se interessem e reflitam sobre seu conteúdo. No livro *“Pedagogia do Amor”*, o autor Gabriel Chalita mostra as contribuições das histórias universais para a formação de valores das novas gerações. Chalita recria as histórias mais conhecidas, como: O patinho feio; Cinderela; e muitas outras. Enfim, trazendo valores que transmitem de maneira mais lúdica a esperança de um novo tempo.

Já para o aluno Mateus, sua preferência se difere dos colegas, ele falou:

Mateus: *“Eu gosto mais do recreio. Lá eu brinco e não fico fazendo tarefa o tempo todo”*.

Para o aluno Mateus, o momento que mais gosta é o recreio, onde se vê “livre” de regras e libera toda a energia.

Vigotisky (1998, pág. 122) diz que “no mundo da criança, a lógica dos desejos e o ímpeto de satisfazê-los domina, e não a lógica real”. Ou seja, o que domina o mundo da criança é o querer agradar os seus próprios desejos correndo riscos.

Perguntei também qual era a atividade que eles mais gostam de realizar dentro da sala de aula. Na sequencia, as falas dos alunos Raquel, João, Yasmin, Matias e Mateus.

Raquel: *“O que mais gosto é de copiar a agenda”*.

Ferreiro (1993, pág. 20) relata que “as crianças não empregam seus esforços intelectuais para inventar letras novas: recebem a forma das letras da

sociedade e as adotam tal e qual”. Diz ainda que “a criança vê mais letras fora do que dentro da escola; a criança pode produzir textos fora da escola enquanto na escola só é autorizada a copiar, mas nunca a produzir de forma pessoal”.

No caso da sala de aula que estive analisando, observei que a cópia é realizada por muitos, não por todos, inclusive pela aluna Raquel, que se mostrava muito segura “copiando” a agenda, mas quando a professora apagava a lousa, a aluna ficava inquieta.

Retomando a fala dos alunos, apresento um trecho da entrevista do João e da Yasmin:

João: *“É legal quando a gente senta no chão e a tia usa sucata pra gente aprender”.*

Yasmin: *“Gosto quando a tia ensina coisa nova pra gente. Às vezes ela usa tampinha de garrafa pra fazer contas, e todo mundo gosta”.*

Segundo Ferreiro (1993) as crianças aprendem muito mais construindo do que repetindo o que os outros disseram. Na fala dos alunos João e Yasmin, percebe-se a importância do papel da professora em trazer para o cotidiano da sala de aula novos ensinamentos, utilizando materiais que agucem a criatividade dos alunos e assim eles possam aprender construindo.

Já Matias e Mateus se referem ao uso do livro em sala de aula. A seguir um trecho de sua entrevista:

Matias: *“Eu gosto de fazer as tarefas do livrinho azul (PAIC), e por causa das figuras, gosto também de ler as historinhas do livro ‘Vamos passear no bosque’”.*

Mateus: *“Gosto quando a tia faz a tarefa do PAIC e manda tarefa de casa”.*

Segundo Teberosky (1992) a criança é um sujeito ativo e construtivo do seu próprio conhecimento. O livro do PAIC é composto por atividades variadas, dentre elas uma denominada: “Escrevendo do meu jeito”, possibilitando que o aluno seja um sujeito ativo e construtor de seu próprio conhecimento.

A entrevista com os alunos revelou o interesse e a reflexão quanto à importância da contação de histórias na escola e a exposição das idéias dos alunos sobre o conteúdo lido. Outro aspecto importante diz respeito ao trabalho da professora, que relatou sua preocupação em propor atividades priorizando o trabalho com conteúdos significativos e de forma interativa, para isso ela mencionou a utilização de recursos, tais como sucata e tampinhas de garrafa, tornando a aula mais dinâmica.

Percebe-se então, a diversidade de opiniões dos alunos que participaram da entrevista. Cada qual com seus gostos e preferências, mas que em uma visão geral todos estimam a leitura. Com isso, a importância de a professora participar e estimular seus alunos floresce ainda mais o interesse pela leitura.

CONCLUSÃO

A pesquisa teve por objetivo analisar o processo de alfabetização de cinco alunos em uma Escola da Rede Pública Municipal de Ensino.

Os dados das atividades avaliativas revelaram que quatro, dos cinco alunos, estão iniciando o processo de aquisição da linguagem escrita. Dentre eles dois (Raquel e João) estão no nível pré-silábico, dois (Yasmin e Matias) no nível silábico e um (Mateus) no nível alfabético.

Quanto à realização das atividades avaliativas de leitura e de escrita, os alunos demonstraram que se encontravam em processo de aprendizagem. Na segunda atividade (Permanência da Escrita) e na terceira (Ditado de Palavras Formadas por Sílabas Canônicas e Não-Canônicas) atividade, foram verificadas maiores dúvidas na sua execução. Na segunda, pelo fato de terem que ler os nomes dos animais e relacionar as figuras, enquanto na terceira por terem sido solicitados a escrever o ditado “sem” auxílio do avaliador. As dúvidas na segunda diziam respeito à interpretação que eles davam à escrita, a maioria deles atribuía sentido a imagem e não a pauta escrita. Enquanto na terceira, foi interessante constatar que eles sabiam que não se escreve de qualquer jeito, por isso demonstravam inquietação porque não conseguiam escrever de modo alfabético, causando insegurança, pois eles não tinham o que olhar e repassar para a folha, através da cópia, encontrando assim algumas dificuldades na realização da atividade. Mostrando assim, o apego dos alunos a metodologias de aprendizagens, não imaginando a importância de colocarem em prática o exercício do seu conhecimento.

Na primeira atividade (Interpretação do Nome Próprio) não foram encontradas dificuldades, mas sim facilidades, pois os alunos já sabiam de memória o nome próprio, conheciam as letras, a ordem e sequência, mesmo mudando as letras de lugar, os alunos tinham noção de que seu nome era escrito somente “naquela ordem”. Com a realização e resultados obtidos da atividade avaliativa de Interpretação do Nome Próprio, verificou-se que os alunos foram capazes de reconhecer, particularmente, as letras que formavam seus nomes, e identificar que mesmo havendo mudança no local das letras, os alunos percebiam e corrigiam. Conhecendo e identificando o nome próprio, a criança inicia o processo de aprendizagem.

Em relação ao trabalho realizado pela professora, verifiquei a importância de sua atuação no sentido de intervir no processo de aprendizagem dos alunos, se dedicando particularmente aqueles que apresentavam maiores dificuldades quanto ao

avanço os níveis de língua escrita. Ferreiro (1993) afirma que o professor exerce um trabalho crucial na identificação da natureza das dificuldades que se apresentam, algumas das quais representam problemas que devem ser enfrentados pelas crianças na tentativa de interpretar a língua escrita. Nesse contexto o papel do professor é primordial.

Com essa pesquisa, foi compreendida a importância do papel do professor no desenvolvimento da linguagem da criança e no aperfeiçoamento da oralidade, da leitura e da apropriação da escrita. Segundo Vieira (2005, pág. 64) “o professor tem um importante papel no desenvolvimento da competência linguística e comunicativa do aluno”. Cabe ao professor intervir através de propostas desafiadoras, para que os alunos se apropriem da leitura e da escrita.

Quanto aos alunos investigados, a realização das atividades avaliativas e a análise destas possibilitaram a investigação do processo de aquisição da escrita desses alunos que participaram da pesquisa. A partir das análises, concluiu-se que o processo de aprendizagem da leitura e da escrita faz parte do dia-a-dia dos alunos, e o interesse deles, em relação ao processo de ler e escrever, é perceptível. E diante das respostas da entrevista, percebeu-se o interesse pelo mundo das letras, onde a leitura torna-se presente no cotidiano deles, mesmo sendo apenas no momento em que estão na escola. Esse é apenas o início de um “novo” mundo com descobertas que eles têm a frente, onde a curiosidade não tem limites.

BIBLIOGRAFIA

BRANDÃO, Carlos Rodrigues – **O que é educação** / Carlos Rodrigues Brandão. São Paulo: Brasiliense, 2007. – (Coleção primeiros passos; 20).

CAGLIARI, L. C. – **Alfabetização e lingüística**. São Paulo: Scipione, 1990.

CHALITA, Gabriel – **Pedagogia do amor: a contribuição das histórias universais para a formação de valores das novas gerações** / Gabriel Chalita – São Paulo: Editora Gente, 2003.

COLELLO, Silvia M. Gasparian – **Alfabetização e Motricidade: revendo essa antiga parceria**. Caderno de Pesquisa, São Paulo, n. 87, p. 58 a 61, Nov. 1993.

COLELLO, Sílvia M. Gasparian - **Alfabetização em questão** – Rio de Janeiro: Graal, 1995.

DIAS, Ana Iorio – **Ensino da Linguagem no Currículo**. Coleção para professores nas séries iniciais – vol.5. Fortaleza: Ed. Brasil Tropical, 2001.

FERREIRO, Emilia – **Alfabetização em processo** / Emilia Ferreiro: (tradução Sara Cunha Lima, Marisa do Nascimento Paro). – 16. ed. – São Paulo: Cortez, 2005.

FERREIRO, Emília – **A representação da linguagem e o processo de alfabetização**. Caderno de Pesquisa, São Paulo, n. 52, p. 7 a 17, Fev. 1985.

FERREIRO, Emília – **Com todas as letras** / Emília Ferreiro; 4. ed. Tradução de Maria Zilda da Cunha Lopes; retradução e cotejo de textos Sandra Trabucco Valenzuela. – São Paulo: Cortez, 1993. (Biblioteca da Educação – Série 8 – Atualidades em educação – v. 2).

FERREIRO, Emilia – **Reflexões sobre alfabetização** / Emilia Ferreiro: Tradução Horácio Gonzales (et. al.). – 21. ed. – São Paulo: Cortez, 1993. – (Coleção Questões da Nossa Época; v. 14).

FIGUEIREDO, Rita Vieira de – **Avaliação da leitura e da escrita: uma abordagem psicogenética**./ Rita Vieira de Figueiredo, Adriana Leite Limaverde Gomes, Claudiana Maria Nogueira Melo, Maria Cílvia Queiroz Farias. – Fortaleza: Edições UFC, 2009.

GROSSI, Esther Pillar – **Didática da Alfabetização** / Esther Pillar Grossi. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. Conteúdo: Volume I – Didática do Nível Pré-Silábico.

GROSSI, Esther Pillar – **Didática da Alfabetização** / Esther Pillar Grossi. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. Conteúdo: Volume II – Didática do Nível Silábico.

Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) - LEI Nº 9.394/96 (DE 20/12/96) (Com alterações introduzidas pelas leis nº 9.475/97, 10.287/01, 10.639/03, 10.709/03, 11.114/05 e 11.274/06).

LIBÂNEO, José Carlos – **Educação escolar: políticas, estrutura e organização** / José Carlos Libâneo, João Ferreira de Oliveira, Mirza SEABRA Toschi – 4. Ed. – São Paulo: Cortez, 2007. – (Coleção Docência em Formação / coordenação Antônio Joaquim Severino, Selma Garrido Pimenta).

MEC/SEF – **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa** (1ª. à 4ª. Séries). Brasília, 1997.

TEBEROSKY, Ana – **Aprendendo a escrever** / Ana Teberosky. – Barcelona: Editorial Horsori, 1992.

VIEIRA, Lúta Lerche – **Escrita, para que te quero?** / Lúta Lerche Vieira. – Fortaleza: Edições Demócrito Rocha; UECE, 2005.

VISVANNATHAN, Christianne. "HowStuffWorks – **Como funcionam os métodos de alfabetização**". Publicado em 22 de julho de 2008 (atualizado em 22 de julho de 2008) <http://pessoas.hsw.uol.com.br/metodo-de-alfabetizacao.htm> (12 de agosto de 2010)

VYGOTSKY, L. S. – **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos superiores**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ensino_fundamental>, acessado em: 05/07/2010

Disponível em: <<http://www.slideshare.net/agnidesign/mtodos-alfabetizacao-infantil>>, acessado em: 09/07/2010

Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/sinapse/ult1063u642.shtml>>, acessado em: 09/07/2010.

Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Caminho_Suave>, acessado em: 16/08/2010.

Disponível em: <<http://educarparacrescer.abril.com.br/nota-da-escola/>>, acessado em: 19/10/2010.

Disponível em: <<https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/>>, acessado em 19/10/2010.